

Comunicação, Divulgação e Prevenção: o Câncer de Mama no Jornal *O Globo* (1925-2000)

Communication, Dissemination and Prevention: Breast Cancer in the Newspaper O Globo (1925-2000)

Comunicación, Divulgación y Prevención: el Cáncer de Mama en el Diario O Globo (1925-2000)

Vanessa Nolasco Ferreira¹; Luiz Antonio Teixeira²; Luiz Alves Araújo Neto³

Resumo

Introdução: O presente artigo analisa como a prevenção ao câncer de mama foi comunicada à população pelo Jornal O Globo no século XX tomando como ponto de inflexão a incorporação da mamografia na prática médica brasileira. A forma como esse veículo apresenta a dimensão da prevenção participa na decisão das mulheres a se submeterem ou não ao rastreamento e de buscar mecanismos para preveni-la. **Objetivo:** Debater a forma pela qual a mídia impressa, veículo de ampla circulação, apresenta conteúdos sobre a prevenção ao câncer de mama. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo de base histórica que utilizou a Análise de Conteúdo como ferramenta para tratamento dos dados. Os critérios de inclusão para constituição do painel amostral foram o artigo ou a coluna terem sido publicados no século XX, e conter elementos que tratassem da prevenção do câncer de mama. **Resultados:** Foram recuperados 1.007 recortes entre propagandas e anúncios, notas, colunas e reportagens acerca do câncer de mama. O *corpus* final de análise possui 76 recortes categorizados como prevenção e diagnóstico precoce. **Conclusão:** A noção de prevenção do câncer de mama é transversal a todas as categorias emergentes e se confunde com a noção de diagnóstico precoce, o que retrata controvérsia entre os conceitos de prevenção primária e secundária, informando de forma assídua e erroneamente os leitores sobre fatores de risco e detecção precoce da doença.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama; Prevenção Primária; Prevenção Secundária; Diagnóstico Precoce; Imprensa.

Subvenção: Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) na forma de concessão de Bolsas de Pesquisa.

¹ Doutora em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz). Pesquisadora Visitante no INCA. Pesquisadora no Observatório História e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Rio de Janeiro (RJ), Brasil. *E-mail:* vnicascoferreira@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). São Paulo (SP), Brasil. Pesquisador em Saúde Pública na COC/Fiocruz. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. *E-mail:* teixeira@fiocruz.br.

³ Doutorando em História das Ciências e da Saúde pela COC/Fiocruz. Especialista Visitante no INCA. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. *E-mail:* luizalvesan@hotmail.com.
Endereço para correspondência: Vanessa Nolasco Ferreira. Av. Brasil, 4.036 - Sala 415 - Mangueiras. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. CEP 21.040-361.
E-mail: vnicascoferreira@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O câncer de mama é o segundo tipo mais frequente no mundo e o mais incidente em mulheres, totalizando 22% dos casos novos. Tal incidência é atribuída a fatores como o processo de urbanização, que acarreta em maior risco de adoecimento entre mulheres com melhores condições socioeconômicas; a transição epidemiológica na vida reprodutiva (menarca precoce, nuliparidade e gravidez após 30 anos, utilização de anticoncepcionais orais, tratamentos de reposição hormonal e menopausa tardia); e os fatores genéticos, principalmente, as mutações nos genes BRCA1 e 2. Em conjunto, esses fatores estão associados a 85% dos casos de câncer de mama antes dos 70 anos de idade¹.

Ao longo do século XX, diversas ações e concepções de controle da doença foram mobilizadas pela sociedade, sendo a comunicação e a divulgação científica elementos importantes para o estabelecimento de medidas de detecção precoce e prevenção, fornecendo ao público leigo subsídios para a compreensão do câncer e das possibilidades de tratamento e prevenção. Porém, é necessário diferenciar o conteúdo produzido pela comunidade científica daquele de jornais e outros materiais voltados à população, tendo em vista as particularidades dos conhecimentos explorados em periódicos científicos e textos de comunicação e divulgação.

A escolha do Jornal *O Globo* é justificado por dois aspectos, um geral e outro específico: por um lado, é importante discutir como a maneira pela qual a mídia impressa comunica e divulga o conhecimento médico, especificamente a prevenção do câncer, impacta na decisão das mulheres leitoras em se submeter ou não a exames de rastreio e buscar mecanismos de prevenção da doença. Por outro lado, o Jornal possui circulação nacional, e é referência constante nos debates sobre temas importantes, como a própria saúde, além de ser um periódico de vida longa, inaugurado em 1925.

Neste artigo, são adotados os níveis de prevenção propostos por Leavell e Clark² e pela publicação *Cancer Epidemiology da International Agency for Cancer Control* (IARC)³. Assim, assume-se que a prevenção primária é composta por mudanças generalizadas que reduzem o risco médio na população global, sendo seu alvo a população em geral, grupos selecionados e indivíduos saudáveis. As medidas tomadas nesse nível de prevenção eliminam ou reduzem ou controlam a exposição ao risco e promovem fatores de proteção à saúde.

Em um nível secundário de prevenção, o objetivo é retardar o progresso da doença por intermédio da detecção precoce e intervenção. Só é possível executar esse nível preventivo nos estágios iniciais das doenças,

principalmente, no período entre a “início da doença” subclínica e o começo dos sintomas. É nesse nível que se encontra o diagnóstico precoce de mudanças biológicas assintomáticas, de precursores da doença, dos primeiros sinais do agravo (ainda assintomático) e são realizadas intervenções imediatas e efetivas para cura^{2,3}.

A prevenção terciária objetiva reduzir as consequências de uma doença estabelecida por meio do gerenciamento para a redução da progressão ou complicação de um agravo, dando ao paciente bem-estar e qualidade de vida. As ações visam a reduzir danos e incapacidades, prevenir sequelas, minimizar o sofrimento e promover o ajustamento do paciente a condições crônicas^{2,3,4}.

Nesse sentido, as ações de prevenção primária ao câncer devem ter por objetivo reduzir ou eliminar a exposição a fatores de risco e se dão por intermédio de ações educativas, taxaço de substâncias cancerígenas, regulação de publicidade de substâncias carcinogênicas e restrição do consumo público de substâncias que aumentam o risco de desenvolvimento de um câncer³. A prevenção secundária do câncer, por sua vez, deve se dar mediante programas de rastreamento organizado. Essa distinção é fundamental para a compreensão do deslocamento realizado pelas matérias do Jornal *O Globo* acerca do câncer de mama no Brasil.

Este artigo objetiva discutir os conteúdos produzidos e veiculados pelo Jornal *O Globo* acerca da prevenção e detecção precoce do câncer de mama, entre 1925 (data de fundação do periódico) e 2000 (última publicação analisada na pesquisa). Argumenta-se que, principalmente a partir dos anos 1960, o Jornal apresenta a noção de prevenção do câncer como sinonímia de detecção precoce, atribuindo aos exames diagnósticos (autoexame, exame clínico das mamas e mamografia) a possibilidade de evitar a doença. Essa configuração foi intensificada com a incorporação da mamografia à prática médica brasileira.

MÉTODO

Estudo qualitativo, de base histórica, tendo como fonte primária as publicações do Jornal *O Globo* acerca do câncer de mama e sua prevenção desde sua criação, em 1925, até o ano 2000. O desenho do estudo qualitativo-histórico oferece compreensão sobre os processos e atores presentes na história das doenças, fornecendo elementos para compreensão do processo de controle do câncer de mama, bem como as mudanças na detecção precoce e tratamento. A opção por esse periódico foi realizada em razão do amplo alcance da publicação e da facilidade de acesso a seu conteúdo, disponível no *site* do Jornal na Internet (<http://oglobo.globo.com/>).

O procedimento de análise de conteúdo, por sua vez, foi pautado na perspectiva de Bardin⁵. A escolha de tal

método deveu-se à possibilidade de privilegiar o rigor da objetividade sem deixar de lado a riqueza da subjetividade; e também pelo fato de essa técnica primar tanto pelo cálculo de frequências quanto pelo modelo qualitativo exploratório à medida que permite a extração de estruturas traduzíveis em modelos, possibilitando a realização de inferências.

O procedimento da pesquisa iniciou-se em maio de 2015 com uma busca na base de dados on-line do Jornal *O Globo*, no sítio mencionado anteriormente, utilizando-se o descritor “câncer de mama”. Foram identificadas e recuperadas 1.007 ocorrências, sendo catalogadas e organizadas cronologicamente pelos pesquisadores por mês e ano de publicação até julho de 2000.

O critério de inclusão foi o texto ter sido publicado ao longo do século XX, já que nesse período foram realizados os maiores avanços científicos quanto ao diagnóstico precoce, rastreamento e técnicas de tratamento do câncer de mama e também por, nesse século, o câncer ter se consolidado como um problema para a medicina e a saúde pública brasileiras. Outro critério de inclusão foi o texto conter elementos que o periódico aponta como prevenção do agravo.

Posteriormente, o material foi pré-analisado e criou-se um perfil das reportagens e colunas. Em seguida, fez-se a exploração, por análise, tratamento e interpretação dos resultados obtidos, cumprindo as três fases preconizadas pelo método de análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: pré-análise, exploração e tratamento, e interpretação dos resultados.

Na pré-análise, foi feita uma organização do material por intermédio de uma leitura flutuante do texto (colunas, reportagens, notas e anúncios), familiarizando os pesquisadores com o material. Na sequência, os pesquisadores constituíram um *corpus* de análise a partir dos critérios de inclusão e exclusão já apresentados, formulando o pressuposto de que, no veículo de comunicação apresentado, a prevenção do câncer de mama é comunicada à sociedade de forma equivocada, dado que o diagnóstico precoce e o rastreamento são abordados como prevenção primária.

Após a pré-análise, fez-se uma codificação, que corresponde à transformação dos dados em sua forma bruta de texto. Esta foi feita por meio do recorte, agregação e enumeração, que levam a uma representação do conteúdo, permitindo o esclarecimento dos índices ou categorias⁵. Essas etapas foram cumpridas em quatro meses.

Concluída a codificação, passou-se à categorização⁵, que representa a classificação de elementos constitutivos do material presente na coleta de dados em um conjunto diferenciado que, posteriormente, foi agrupado. Neste

estudo, as categorias foram definidas pela exploração do material e agrupamento das colunas e reportagens, notas e anúncios em classes explicitadas a partir do conteúdo da pesquisa.

A inferência⁵ foi o último procedimento e refletiu uma comparação entre o que emergiu do painel amostral construído e o que se encontra presente na literatura e nos meios de divulgação científicos. Os referenciais para análise e construção das inferências tratam das questões relativas ao diagnóstico precoce, tratamento e enfoque preventivo do câncer de mama, dialogando com os trabalhos de Cantor, Lowy e Patterson^{6,7,8}.

Por se tratar de um estudo qualitativo realizado em uma base de dados de circulação pública, não houve a necessidade da sua submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, com base no disposto pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa a partir do descritor “câncer de mama” recuperou 1.007 recortes publicados, ao longo do século XX, entre propagandas e anúncios, notas, colunas e reportagens. Após a aplicação da metodologia escolhida e dos critérios de inclusão, 76 artigos passaram a constituir o *corpus* de análise da pesquisa. É de destaque que foram considerados para análise e, portanto, constituíram o *corpus* de análise, apenas recortes que debatesssem a temática do câncer de mama, sendo excluídos aqueles faziam citação da patologia sem discutir estratégias de diagnóstico e prevenção, anúncios de médicos e serviços especializados ou forneciam notas acerca do acontecimento de eventos. A partir do tratamento dos dados, com a utilização da técnica de Análise de Conteúdo, duas categorias principais emergiram: prevenção e diagnóstico precoce.

A categoria prevenção é a mais controversa. Cantor⁶ afirma que a impossibilidade de cura da doença e o desconhecimento de sua etiologia assombraram as populações e também a medicina, fazendo com que diferentes conceitos, como o de prevenção e diagnóstico precoce, viessem a se confundir. Embora cientificamente entenda-se a prevenção no âmbito da noção de prevenção primária proposta por Leavell e Clark; ou seja, privação à exposição de fatores de risco que levam ao desenvolvimento de agravos, no caso do *corpus* analisado pelo estudo, o que se tem é a veiculação do conceito de diagnóstico precoce como prevenção do câncer de mama.

Dessa forma, a categoria “diagnóstico precoce” também perpassa os artigos analisados e consiste em alertar as mulheres sobre a importância do reconhecimento dos sinais e sintomas iniciais da doença, de modo a buscar intervenção de forma precoce no caso de identificação desses

sintomas e sinais. Assim, o principal achado apresentado neste artigo é o de que a comunicação do Jornal *O Globo*, acerca da prevenção do câncer de mama, se dá de maneira errônea ao tratar o diagnóstico precoce como possibilidade de evitar o aparecimento da doença. A noção de prevenção oferecida pelo Jornal é de que a mamografia constitui um importante fator para evitar o aparecimento do câncer de mama, caracterizando-a como uma estratégia de prevenção primária. Essa constatação é interessante, pois o uso do mamógrafo, mesmo nas melhores condições de rastreamento, qualifica uma ação preventiva secundária, sendo uma valiosa ferramenta de diagnóstico precoce, principalmente, para tumores não papáveis.

Essa configuração dos conteúdos apresentados aponta para dois aspectos importantes em nossa argumentação: 1) a divulgação do conceito de prevenção no Jornal *O Globo*, mesmo que dialogue diretamente com as discussões realizadas no campo médico e da saúde pública de cada período, não necessariamente detalha as definições conceituais da medicina, promovendo um deslocamento do diagnóstico precoce em nível de prevenção primária; 2) essa articulação do conhecimento científico veiculada pelo Jornal produz uma visão de prevenção que engloba uma vasta gama de ações, tornando-a elemento central na maneira como o câncer de mama é abordado nesse meio de comunicação. É importante destacar que a abordagem mais apropriada, em termos do conhecimento discutido pelo campo médico, é de que a mamografia consiste em um instrumento de prevenção secundária; ou seja, tem o objetivo de diagnosticar a doença precocemente para aumento da efetividade do tratamento e diminuição da morbidade e mortalidade.

O conceito de prevenção não é homogêneo, possuindo diversos posicionamentos quanto a ele ao longo da história, além de concepções que variam em termos nacionais e regionais. Dessa forma, é importante qualificar as afirmações feitas anteriormente, uma vez que o problema identificado no *corpus* documental diz respeito às noções de prevenção discutidas pela medicina brasileira no século XX. De maneira geral, o conceito de prevenção é caracterizado pelas atividades que objetivem à redução probabilística de algum dano ou minimizem o prejuízo causado por ele. No âmbito da saúde pública, a prevenção é vista como uma das possibilidades centrais dos sistemas de saúde organizados, bem como um elemento cada vez mais importante nos esforços da sociedade para melhoria das condições de saúde, aglutinando ações curativas, restaurativas e paliativas. Para tanto, seu foco são os principais problemas de saúde passíveis de intervenção, como é o caso do câncer de mama⁴.

Na primeira metade do século XX, marco inicial do estudo, prevaleceu uma abordagem denominada

por Cantor de “detecção precoce e tratamento”. Essa abordagem tinha como pano de fundo as inúmeras incertezas da medicina perante a doença, e a sua incapacidade em apresentar soluções de grande impacto para o “problema do câncer”^{7,8}. A ideia central consistia em aliar campanhas educativas e o incentivo à procura por profissionais especializados aos primeiros sinais da doença, promovendo um diagnóstico precoce que viabilizaria um tratamento com mínima eficiência. Esse modelo pautou diversas ações de controle do câncer em vários países, como Brasil, França, Estados Unidos e Inglaterra^{6,9,10}.

A segunda metade do século XX, marco final do recorte analítico, foi marcada pela emergência de um enfoque preventivo, a partir do desenvolvimento de pesquisas relacionando a doença a fatores de risco e aos oncogenes. No campo da saúde pública, esse enfoque ganhou força com a construção da ideia de prevenção associada à história natural das doenças, definindo-a em prevenção primária, secundária e terciária².

A abordagem do câncer de mama pelo Jornal *O Globo* esteve diretamente relacionada ao perfil das ações de controle da doença no país e ao desenvolvimento do conhecimento médico. As primeiras aparições do tema nas páginas do periódico, ainda na década de 1930, comentavam sobre as possibilidades de a mastectomia promover maior sobrevivência às mulheres. Nesse período, o carcinoma mamário, bem como outros tipos de tumores, não consistia em problema de saúde pública, sendo mencionado em trabalhos científicos e, nos periódicos leigos, como um tema da clínica cirúrgica¹¹. Seguindo a perspectiva mais ampla das primeiras ações organizadas de institucionalização da cancerologia no país, as matérias divulgadas na imprensa, até meados do século XX, lidavam principalmente com a importância de procurar atendimento médico em casos de sinais suspeitos de câncer.

O conceito de diagnóstico precoce possuía papel central em toda a comunicação sobre a doença no período, tendo como ponto principal a ideia de que a etiologia do câncer era incerta, mas a identificação de uma lesão pré-cancerosa poderia ampliar significativamente a eficácia das intervenções cirúrgicas. Esse era o texto da primeira matéria lidando com a neoplasia mamária no Jornal *O Globo*, em 1938. A nota fazia referência à necessidade de diagnóstico e tratamento precoces para os cânceres de pele, mama e lábio, e afirmando que esses tumores tinham melhores chances de tratamento quando diagnosticados precocemente.

Um aspecto importante a ser destacado dessa apresentação do tema, na primeira metade do século, diz respeito à própria noção de detecção precoce, que, nesse momento, estava vinculada a uma concepção

anatomoclínica, visando a pontuar uma etapa do ato diagnóstico em estágios iniciais do “progresso linear da doença”¹². A ideia de prevenção, no sentido de evitar o adoecimento, era restrita, naquele momento, a enfermidades transmissíveis e com etiologia reconhecidas pela comunidade médica, sendo um conceito vinculado à microbiologia e à higiene¹³.

Nesse contexto, o próprio uso do termo “prevenção” para se referir ao câncer era pouco usual, fosse na literatura médica ou em periódicos leigos. Alguns médicos chegavam a afirmar que não havia meios de prevenir a doença, devido às incertezas quanto à sua etiologia. Outros, por sua vez, defendiam o diagnóstico em estágio pré-canceroso como uma ação preventiva das neoplasias – o que só ocorria em casos de intervenção cirúrgica rápida. Nos jornais, muito em razão da aproximação com as diretrizes das campanhas educativas organizadas no nível da saúde pública pelo Serviço Nacional de Câncer, o foco das mensagens estava na possibilidade de cura, não na prevenção¹⁴.

A partir da década de 1960, a discussão sobre as neoplasias na medicina brasileira incorporou temas importantes dos fóruns internacionais (Organização Mundial da Saúde - OMS; *Union for International Cancer Control* - UICC; Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS, entre outras), como o papel de novas tecnologias terapêuticas e da prevenção nos programas de controle do câncer. O desenvolvimento do conceito de “risco epidemiológico” e dos estudos sobre fatores de risco para diversos tipos de tumores malignos trouxe à superfície novas perspectivas ao campo médico e à divulgação e comunicação em saúde. A perspectiva de que havia uma guerra contra a doença que poderia ser vencida pelo recrutamento da população dava lugar, paulatinamente, a uma percepção de que o cuidado de si era fundamental para aumentar as chances de cura, ou mesmo evitar o adoecimento.

Em uma reportagem de maio de 1960, intitulada “O exame preventivo é a grande arma da mulher contra o câncer”, publicada na Seção “O Globo Feminino”, destaca-se a atuação da Liga Feminina de Educação e Combate ao Câncer em parceria com médicos do Serviço Nacional de Câncer, por meio da realização de um curso com objetivo de abordar os sinais que podem indicar o câncer de mama e a necessidade de superação do medo para um diagnóstico precoce. Outras matérias como “O auto-exame de câncer” de setembro de 1964; “Auto-exame previne câncer” de agosto de 1966; e “Como evitar o câncer mamário” de janeiro de 1968 exemplificam como a referida noção é forte, principalmente, nas seções femininas do Jornal.

A partir desse momento, a sinonímia conceitual entre detecção precoce e prevenção, apontada nos resultados

deste trabalho, é marcante nas matérias divulgadas pelo Jornal *O Globo*. O ponto central dos artigos e notas sobre o autoexame das mamas consistia na capacidade desse procedimento em evitar a doença. Essa relação era explicada pela possibilidade, segundo os materiais, de a mulher identificar caroços ou sinais de formação cancerosa em estágio bastante inicial, evitando o avanço da neoplasia. Nesse período, a prática da palpação e inspeção do seio, tanto no exame clínico quanto no autoexame, era paradigmática na dimensão clínica e considerada ferramenta mais eficiente na detecção do câncer mamário¹⁵.

Nas décadas de 1970 e 1980, dois elementos podem ser caracterizados como pontos de virada na comunicação sobre prevenção do câncer de mama no Jornal *O Globo*: a aquisição dos primeiros aparelhos mamógrafos por clínicas privadas e alguns serviços públicos; e o desenvolvimento da noção de saúde da mulher.

A introdução da mamografia no Brasil ocorreu ainda na década de 1960, quando algumas clínicas privadas ofereciam o serviço em capitais do país. Antes da chegada dos primeiros mamógrafos, outras técnicas de visualização da mama eram discutidas e oferecidas às pacientes, como a xeromamografia, termografia, senografia, transluminação, entre outras¹⁵. Mesmo sendo difundido amplamente a partir dos anos 1970, o uso da mamografia se constituiu como uma controvérsia. Os defensores elogiavam sua capacidade de detectar os menores cânceres, o que aumentava as chances de cura, enquanto os críticos questionavam a exposição radiológica das pacientes durante a realização do exame¹⁶.

Nas páginas do Jornal *O Globo*, a presença de matérias relacionadas ao uso da mamografia foi predominante desde os fins da década de 1970, apontando, em primeiro momento, o caráter de inovação do mamógrafo em relação às outras possibilidades diagnósticas recorrentes no período, principalmente o autoexame e o exame clínico. No artigo “Nova dimensão da radiologia brasileira”, de maio de 1974, discutem-se a importância do exame de mamografia e a necessidade dos serviços de radiologia se equipar com mamógrafo. Em “Fotografia revela câncer no seio com maior precisão”, de março de 1975, há a defesa da mamografia como um elemento primordial para o diagnóstico precoce do câncer de mama; e na coluna “O que você deve saber de medicina - uso da mamografia”, de dezembro de 1977, explicam-se as faixas etárias para as quais a mamografia deve ser periódica citando estudos epidemiológicos dos EUA.

Também nesse período, e ainda mais a partir dos anos 1980, com o desenvolvimento da noção de saúde da mulher, tanto pela articulação dos movimentos de mulheres quanto pela criação do Programa de Atenção

Integral à Saúde da Mulher (PAISM), articularam novas visões sobre a prevenção e a detecção precoce do câncer de mama nas matérias do Jornal, atribuindo-as ao cuidado de si. Nesse sentido, a mensagem comumente veiculada buscava vincular os exames à prevenção, tendo como base a ideia de que a mamografia poderia “evitar” o câncer.

Como exemplo, é possível destacar artigos como “Câncer de mama: é possível evitar”, de abril de 1990, que defende que a maioria dos cânceres de mama é curável quando ocorre o diagnóstico precoce; “Prevenção, a arma contra o câncer”, de outubro de 1993, que aborda o diagnóstico precoce por meio da mamografia e não um elemento capaz de prevenir o aparecimento dos tumores; e “Mamografia diminui em 30% o câncer de mama”, que traz resultados de um estudo de caso controle na Suécia no qual a mortalidade de mulheres afetadas pelo câncer de mama foi 30% menor no grupo que se submeteu à mamografia. Os dados apresentados antes, entretanto, sugerem apenas a eficiência da mamografia como ferramenta de diagnóstico precoce, não como fator de prevenção.

É importante ter dois aspectos da discussão em perspectiva: por um lado, a trajetória das matérias do Jornal permite acompanhar o desenvolvimento do conhecimento e da prática médica referente ao câncer de mama no Brasil ao longo do século, observando como novas técnicas e conceitos são incorporados pela medicina e comunicados ao público leigo. Existe, aí, um processo de tradução sociológica do conhecimento entre a produção técnica e a comunicação em saúde, que envolve interesses de mercado, diretrizes editoriais, e mesmo as particularidades dos textos jornalísticos. A pesquisa no *O Globo*, associada à investigação empírica em periódicos especializados referenciais no país, como a Revista Brasileira de Cancerologia, a Revista Brasileira de Mastologia, e os Anais Brasileiros de Ginecologia, permite avaliar essas particularidades de conteúdo.

Por outro lado, é preciso destacar a importância da imprensa na constituição de compreensões públicas de ciência e saúde. Ao longo do século, houve um aumento significativo no consumo desses tipos de materiais no país, principalmente nos grandes centros urbanos. Mesmo com a inserção cada vez maior de temas vinculados à saúde em programas de rádio e TV, e com uma vasta literatura de divulgação e autoajuda ligada ao câncer, os jornais exercem papel fundamental na formação da opinião pública sobre a doença. Em estudos mais recentes, Al-Naggar e Al-Jashamy¹⁷, Kamenova et al.¹⁸, Steele et al.¹⁹, Nagler et al.²⁰ demonstraram o poder da imprensa na compreensão pública da prevenção do câncer de mama e seus fatores de risco. Como mostram os autores, é preciso estar atento à capacidade da mídia em divulgar e formar consensos

sobre temas relacionados à saúde, discutindo as formas de produção desses conteúdos e, na dimensão da saúde pública, articulá-los às estratégias de prevenção primária e secundária das doenças.

A veiculação constante da sinonímia entre detecção precoce e prevenção no Jornal *O Globo* marca uma visão comumente adotada pelo público leigo, vinculando a realização de um exame diagnóstico à prevenção primária da doença.

CONCLUSÃO

A análise dos recortes do Jornal *O Globo* mostrou que a detecção precoce e a prevenção do câncer de mama são apresentadas como sinônimos, o que diverge das definições elaboradas e consentidas pela comunidade científica internacional, como nos casos de matérias como “Mamografia diminui em 30% o câncer de mama” (outubro de 1995), “Prevenir é o melhor remédio: Instituto Professor Campos da Paz lança campanha para detectar câncer de mama” (novembro de 1992), “Diagnóstico precoce é importante para evitar doença” (novembro de 1990), “Diagnóstico precoce é a melhor prevenção contra o câncer de mama” (novembro de 1990), “Auto-exame previne câncer” (agosto de 1966). As ações indicadas nessas matérias têm relação com o nível secundário de prevenção; ou seja, a detecção ou diagnóstico precoce da doença, enquanto as manchetes dão a noção de possibilidade de evitar a doença, o que pertence ao nível primário de prevenção.

É preciso, portanto, discutir mais profundamente as relações entre o conhecimento da medicina e as outras formas de representar as doenças na sociedade, como a imprensa. A relação entre ciência e mídia é complexa, pautada por interesses distintos das duas partes; porém, é importante o diálogo entre ambas, dada a ampla capacidade da imprensa em divulgar o conhecimento científico e em organizar formas de conceber as doenças.

CONTRIBUIÇÕES

Vanessa Nolasco Ferreira trabalhou na pesquisa, planejamento, produção e análise de dados, bem como na redação e revisão crítica do manuscrito; Luiz Antônio da Silva Teixeira trabalhou na pesquisa, planejamento, produção e análise de dados, bem como na redação e revisão crítica do manuscrito; Luiz Alves Araújo Neto trabalhou na pesquisa, planejamento, produção e análise de dados, bem como na redação e revisão crítica do manuscrito.

Declaração de Conflito de Interesses: Nada a Declarar

REFERÊNCIAS

1. Teixeira LA, Porto MA, Noronha CP. O câncer no Brasil: passado e presente. Rio de Janeiro: Outras Letras; 2012.
2. Leavell H, Clark EG. Medicina preventiva. São Paulo: McGraw-Hill; 1976.
3. World Health Organization. Cancer epidemiology: principles and methods. Lyon: International Agency for Research on Cancer; 1999.
4. Sindall C. Does health promotion need a code of ethics? *Health Promot Int.* 2002;(3):201-3.
5. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
6. Cantor D. Cancer control and prevention in the twentieth century. In: Cantor D, editor. *Cancer in the twentieth century*. Baltimore: John Hopkins University Press; 2008. p. 1-33.
7. Löwy I. Preventive strikes: women, precancer, and prophylactic surgery. Baltimore: The Johns Hopkins University Press; 2010.
8. Patterson J. The dread disease: cancer and the american modern culture. Baltimore: John Hopkins University Press; 1987.
9. Teixeira LA, Fonseca CMO. De doença desconhecida a problema de saúde pública: o INCA e o controle do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2007.
10. Pinell P. The fight against cancer: France 1890-1940. London: Routledge; 2002
11. Coutinho A. Cancer da mama. *Annaes de Ginecologia.* 1941;6(11):206-236.
12. Löwy I. Preventive strikes: woman, precancer and prophylactic surgery. Baltimore: John Hopkins University Press; 2011.
13. Du Clary FP. Prévention. In: Lecour D. *Dicctionnaire de l'idée médicale*. 2004. Paris: PUF; 2004. p. 894-8.
14. Costa M, Teixeira LA. As campanhas educativas contra o câncer. *Hist. Ciên. Saúde – Manguinhos.* 2010;17(1):223-241.
15. Goes Júnior JS. O diagnóstico do carcinoma da mama. In: Rôxo Nobre M, Junqueira A. *Cancerologia prática*, vol 2. São Paulo: Prociex, 1967. p. 469-479.
16. Lerner BH. To see today with the eyes of tomorrow: a history of screening mammography In: Lerner BH. *The breast cancer wars: hope, fear and the pursuit of a cure of twentieth-century America*. New York: Oxford University Press; 2001. p. 299-321.
17. Al-Naggar RA, Al-Jashamy K. Breast cancer coverage in the media in Malaysia: a qualitative content analysis of Star Newspaper articles. *Asian Pac J Cancer Prev.* 2011; 12(12):3397-401.
18. Kamenova K, Reshef A, Caulfield T. Angelina Jolie's faulty gene: newspaper coverage of a celebrity's preventive bilateral mastectomy in Canada, the United States, and the United Kingdom. *Genet Med.* 2014;16(7):522-8.
19. Steele WR, Mebane F, Viswanath K, Solomon J. News media coverage of a Women's Health controversy: how newspapers and TV Outlets covered a recente debate over screening mammography. *Women Health.* 2005;41(3):83-97.
20. Nagler RH, Romantan A, Kelly BJ, Stevens RS, Gray SW, Hull SJ, Ramirez AS, Hornik RC. How do cancer patients navigate the public information environment? Understanding patterns and motivations for movement among information sources. *J Cancer Educ.* 2010;25(3):360-370.

Abstract

Introduction: This article discusses how the prevention of breast cancer was reported to the population by the newspaper O Globo in the 20th Century, taking as an inflection point the incorporation of mammography into Brazilian medical practice. The way in which this vehicle presents the dimension of prevention participates the decision of women to undergo or not screening tests and to seek mechanisms to prevent this condition. **Objective:** Discuss the way in which the print media, a vehicle of wide circulation, produces and presents contents on the prevention of breast cancer. **Method:** This is a qualitative, historical-based, study that used Content Analysis as a tool for data processing. The inclusion criteria for constituting the sample panel was the article or column has been published in the 20th century and contain elements that dealt with the prevention of breast cancer. **Results:** 1,007 clippings published over the course of the 20th century have been retrieved between advertisements, notes, columns and reports on breast cancer, the final corpus of analysis has 76 clippings categorized as prevention and early diagnosis. **Conclusion:** The notion of breast cancer prevention is transversal to all emerging categories and there is a confusion with the notion of early diagnosis, which portrays a controversy between the concepts of primary and secondary prevention, informing misleading and assiduously the readers about risk factors and early detection of the disease.

Key words: Breast Neoplasms; Primary Prevention; Secondary Prevention; Early Diagnosis; Press

Resumen

Introducción: El presente artículo analiza cómo la prevención del cáncer de mama fue comunicada a la población por el diario O Globo en el siglo XX, tomando como punto de inflexión la incorporación de la mamografía en la práctica médica brasileña. La forma como este vehículo realiza la presentación de la dimensión de la prevención participa en la decisión de las mujeres a someterse o no a exámenes de rastreo y en su decisión de buscar mecanismos de prevención. **Objetivo:** Debatir la forma en que los medios impresos, vehículos de amplia circulación, produce y presentan contenidos sobre la prevención del cáncer de mama. **Método:** Se trata de un estudio cualitativo de base histórica que utilizó el Análisis de Contenido como herramienta para el tratamiento de los datos. El criterio de inclusión para la constitución del panel muestral fue el artículo o columna haber sido publicado en el siglo XX y contener elementos que tratase de la prevención del cáncer de mama. **Resultados:** Se recuperaron 1.007 recortes publicados entre propagandas y anuncios, notas, columnas y reportajes acerca del cáncer de mama. El corpus final de análisis posee 76 recortes categorizados como prevención e diagnóstico precoz. **Conclusión:** La noción de prevención del cáncer de mama es transversal a todas las categorías emergentes y se confunde con la noción de diagnóstico precoz, lo que retrata controversia entre los conceptos de prevención primaria y secundaria, informando muchas veces y erróneamente los lectores sobre factores de riesgo y detección precoz de la enfermedad.

Palabras clave: Neoplasias de la Mama; Prevención Primaria; Prevención Secundaria; Diagnóstico Precoz; Prensa.